

Traduzir Alfonso López Quintás

Gabriel Perissé¹

Resumo: Traduzir adequadamente a obra do filósofo espanhol Alfonso López Quintás, extremamente rigoroso em seus textos, profundamente preocupado com a urdidura das palavras e a clareza dos conceitos, exige conhecimento apurado do pensamento deste autor, bem como uma sensibilidade filosófica para produzir no idioma de chegada aquilo que se mostrou singular e original no idioma de partida. Além de empreendimento tradutório, trata-se de enfatizar que está em jogo a possibilidade de um ato criativo, com implicações existenciais e éticas.

Palavras Chave: pedagogia do encontro, Alfonso López Quintás, tradução, linguagem, criatividade, ética.

Abstract: The appropriate translation of the work of Spanish philosopher Alfonso López Quintás, very strict in his writings and deeply concerned about the warp of words and clarity of concepts, requires accurate knowledge of the thought of this author and philosophical sensitivity to produce a target language text faithful to the source language text in all their uniqueness and originality. Besides being a translation work, it is noteworthy to say what is at stake the possibility of a creative act with existential and ethical implications.

Keywords: Pedagogy of the encounter, Alfonso López Quintás, translation, language, creativity, ethics.

Introdução

A tradução rigorosa de textos filosóficos requer a compreensão da terminologia interna a esses textos e uma fina sintonia com o estilo de pensar (e escrever) do autor. O tradutor, sabendo que o filósofo escreve para comunicar de que modo se configura o seu contato com a realidade, avalia o que está em jogo. Quem traduz filosofia corre todos os riscos que habitualmente a arte de traduzir implica, mas, neste caso, o risco específico é o de não captar e expressar o que há ali de peculiar numa reflexão qualificada e aprofundada. A própria experiência da escrita terá sido, para o pensador, uma forma de conhecer (de revelar para si mesmo) o quanto este seu contato com a realidade é único, rico de nuances e alcances.

Talvez fosse preciso admitir, logo de início, que o tradutor de filosofia deve ser também filósofo (ou, ao menos, possuidor de uma mente filosófica), em analogia com o que afirmava Octavio Paz em relação aos poetas. Os poetas seriam os únicos seres capazes de traduzir poesia. José Paulo Paes acreditava que, ao traduzir poesia, colocava em ação a sua inventividade poética, mesmo não sendo ele o primeiro criador dos poemas alheios que decidira traduzir. Vladimir Mayakovsky queixava-se das traduções que faziam de seus poemas no ocidente, alegando que não era devidamente compreendido por quem não estava familiarizado com suas opções literárias e intelectuais.

Se filosofar é pensar com radical responsabilidade, igualmente radical deve ser a responsabilidade de traduzir filosofia. Neste artigo, faço algumas considerações sobre a tradução de textos do pensador espanhol Alfonso López Quintás (ALQ), com a preocupação de demonstrar (e também degustar) as descobertas filosóficas proporcionadas pelo esforço de traduzi-lo.

¹ Professor e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Católica de Santos (SP). perisse@uol.com.br

A criatividade do traduzir

Uma das reflexões tipicamente lópezquintásianas consiste em descrever o processo de leitura como “jogo”, no qual participamos de modo criativo, exercitando “*una mirada profunda*”². Este modo de olhar denota amadurecimento intelectual e capacidade de integração de diferentes aspectos e dimensões de uma realidade. Se traduzir é ler com este olhar ampliado e integrador (atentando para todos os “lados” da palavra, voltando-se continuamente do texto para o contexto e do contexto para o texto), então só se pode traduzir dialógica e ludicamente.

O autor-traduzido e o autor-tradutor (o tradutor como autor de um texto que rediz o que foi dito no texto de partida, sem repeti-lo pura e simplesmente) se reencontram numa nova configuração verbal, num idioma diferente do primeiro, mas em que pode vir à luz renovada compreensão, como aconteceu hiperbolicamente no caso anedótico da primeira tradução francesa integral da obra *Fenomenologia do Espírito*, de Hegel. Michel Foucault refere-se a essa anedota (como se não fosse mera anedota) em seu *A ordem do discurso*: Jean Hyppolite (que foi professor de Foucault) publicou, em 1939, a tradução francesa daquele livro de difícil apreensão, e o fez com tal maestria e clareza que os estudiosos alemães passaram a consultar o texto em francês a fim de entenderem melhor aquele obscuro livro de Hegel. Hegel estava presente (e de certo modo aperfeiçoado) na tradução, em virtude da leitura tradutora.

O tradutor de filosofia exercita sua criatividade na medida em que toma as decisões que julga adequadas para fazer transparecer na língua-alvo o que o pensador quis projetar na língua-fonte. Daí a importância de o tradutor fazer a experiência pensante segundo as coordenadas do autor que esteja traduzindo, assumindo ativamente essas coordenadas, assumindo-as “por dentro”, com uma autonomia que não teme as “restrições” da heteronomia. Jean Hyppolite tornou-se um Hegel francês, mais do que um francês hegeliano, porque soube criar o seu próprio estilo tradutório em consonância com a visão de mundo do pensador alemão.

As duas exigências aparentemente inconciliáveis (levar um idioma novo ao encontro de um autor estrangeiro e de trazer este para o interior daquele idioma) podem se coadunar, se forem vistas como exigências contrastantes e não conflitantes. Fidelidade e flexibilidade. Tratava-se de escrever o autêntico Hegel em francês e de fazer Hegel ser lido em autêntico francês.

No caso de López Quintás, não se experimentam problemas de obscuridade ou hermetismo, pois o autor se esmera em praticar uma famosa sentença de outro pensador espanhol, Ortega y Gasset: “*la claridad es la cortesía del filósofo*”. Mesmo o que há de ambiguidade ou “confundente” na linguagem filosófica não é necessariamente um obstáculo à compreensão, se esta ambiguidade for apresentada *claramente* como ambiguidade, se este caráter confundente for assim explicitado. A tarefa do tradutor será o de transformar *cortesía* em... cortesía.

O que alguém poderia lembrar, no entanto, é que não parece ser tão desafiante e problemático traduzir da língua espanhola para a língua portuguesa quanto é traduzir do alemão para o francês. A grande semelhança entre o português e o espanhol garantiria, na maioria das vezes, uma fácil transposição. Esta facilidade, porém, demonstra-se enganosa e traiçoeira. Justamente em razão dessa semelhança, ocorrem transferências inadequadas nos níveis lexical e sintático e, em se tratando de filosofia, equívocos (talvez ainda mais imperdoáveis do que os que se cometem em traduções “difíceis”) no nível da semântica conceitual.

² Cf. *El arte de leer creativamente*, de 2014, um dos mais recentes livros de Alfonso López Quintás, em que retoma (com acréscimo de novas considerações) sua reflexão sobre a leitura criativa.

A verdadeira tradução zomba da tradução

O tradutor de filosofia, sejam quais forem os idiomas em jogo, em diálogo, deve cultivar uma visão clara para ver o que é evidente no texto que pretende verter para o novo idioma. Esta visão do evidente, que requer muito mais clarividência e capacidade de penetração do que se poderia supor, equivale a esperar do tradutor um trabalho de fidelidade com inventividade, de reflexão e intuição, de interpretação em nada servil, feita com peso e medida, e a coragem de zombar de toda tradução concebida como algo mecânico.

Traduzir filosofia bem consiste em pensar bem, com um olhar “treinado” para captar a complexidade do pensamento do autor a traduzir, que, como não poderia ser diferente, é pensamento “contaminado” por crenças, sentimentos, condicionamentos culturais, preferências estéticas, dados biográficos, experiência existencial.

Para traduzir ALQ, é necessário levar em conta, portanto, sua referência a autores como Romano Guardini, Martin Heidegger, Martin Buber, Viktor Frankl, Karl Jaspers, Karl Rahner, Ferdinand Ebner, Gabriel Marcel e Henri Bergson, entre outros, em geral do século XX, e a escritores de ficção como Samuel Beckett, Franz Kafka, Federico García Lorca, Saint-Exupéry, Miguel de Unamuno, William Shakespeare e Herman Hesse. Além disso, é fundamental familiarizar-se com o modo, o método de abordagem. López Quintás dirige-se ao leitor, procura dirigir-se a nós, acredita nesse diálogo, e adota em muitas ocasiões uma aproximação progressiva dos temas, levando-nos a caminhar com ele, não de modo linear, mas segundo um método em espiral. Este caminho de reflexão vai trazendo à baila uma série de questões vinculadas entre si, questões retomadas uma vez e outra em níveis cada vez mais profundos.

Outro ponto a ser lembrado: ALQ, amante e praticante da música, remete-se com frequência à obra de grandes compositores clássicos, enfatizando (e exercendo aqui sua preocupação pedagógica como formador de alunos e professores) que, por se tratar de um jogo criador, a música ilumina aspectos decisivos da vida e para a realização de uma vida. Também teremos de levar em consideração o ingrediente das convicções cristãs, pois ALQ (a exemplo do seu mestre Guardini) soube integrar fé católica e reflexão filosófica (e sensibilidade estética) em sua trajetória acadêmica, mantendo o equilíbrio necessário entre ambas: que a reflexão racional não sufoque a visão religiosa, e esta não iniba aquela.

ALQ escreve com precisão e entusiasmo, consciente de que a palavra escrita é instrumento de expressão a ser aperfeiçoado constantemente, caso o filósofo queira expor com rigor e beleza os pontos mais originais do seu próprio pensamento criador. Quem vier a traduzir López Quintás, ou qualquer outro filósofo, deverá exigir de si mesmo essa atitude intransigente e cristalina, até mesmo detalhista, jamais subestimando a singularidade de um idioma, seja ele qual for, de modo especial quando essa singularidade é tensionada e “testada” pela singularidade do filósofo que a empregou.

A difícil facilidade de traduzir

A tradução filosófica, como experiência lúdica que é, demanda criatividade. Criatividade segundo a concepção de ALQ: somos criativos na medida em que recebemos ativamente as possibilidades oferecidas. Como fruto dessa relação, dessa experiência bidirecional, surge algo novo-valioso. Não apenas novo, inédito, mas algo carregado de valor.

O valor de uma tradução é qualidade complexa e surpreendente, que vai pleitear uma valoração compromissada, ou seja, cada um de nós terá de descobrir por sua própria conta e risco que este valor vale por si. A tradução valiosa é simultaneamente inteligível, preferível e relevante. A melhor tradução possível é pertinente e adequada, oportuna, ajustada ao que o autor quis dizer no idioma original e ao que o tradutor (leitor ativo e criativo por excelência) soube compreender em sua leitura, uma leitura interessada em reconfigurar tal compreensão em outro idioma.

Aí reside a difícil facilidade da tarefa tradutória de textos filosóficos. O prazer de traduzir é resultado do esforço em receber ativamente o que o autor nos diz em seu próprio idioma, operando o ressurgimento daquele conteúdo no idioma do tradutor, que é também o de um novo contingente de leitores, de um leitorado que, em princípio, não teria acesso ao texto original.

Traduzir ALQ, em última análise, consiste em praticar os princípios básicos da pedagogia do encontro³, compreendida como uma proposta de ação humanizadora, mas agora tendo em vista a relação “entre” (preposição imprescindível para estabelecer o encontro de seres distantes e distintos, e de idiomas diferentes...), entre autor espanhol e leitores brasileiros. Segundo esta pedagogia, adaptando-a ao trabalho de traduzir, o mais importante é ajudar o leitor a descobrir o autor, a “encontrar-se” verdadeiramente com o pensamento do autor, aproximando-se do campo de irradiação da obra escrita e agora traduzida, sentindo-se atraído por suas ideias e argumentos, a fim de participar de riquezas e sutilezas do texto original que reaparecem em língua portuguesa/brasileira.

Feitas essas considerações, pretendo mencionar três impasses tradutórios em que perceberemos como se dá, em termos práticos (e em termos teóricos, é claro, pois estamos “condenados” a pensar), a apreensão em nossa língua do pensamento de Alfonso López Quintás.

Ao encontro de López Quintás

Não vem ao caso preocupar-nos com os falsos cognatos mais “famosos”, armadilhas normais no cotidiano do tradutor. Teremos de focalizar nossa atenção em palavras que possam distorcer ou obscurecer seriamente o que o autor tencionava expressar de mais genuíno em sua concepção filosófica.

Talvez uma das palavras mais perigosas, dentre as que ALQ emprega com evidente esmero, seja o termo “*entreveramiento*”. A leitura precipitada poderia facilmente induzir o tradutor a pensar numa (suposta) palavra em português com (possivelmente) igual significado: “entreveramento”. Palavra inexistente, segundo o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (5ª edição, de 2009). Existe o verbo “entreverar”. O substantivo correspondente é “entrevero” (ê). Mas o significado de “entrevero”, de qualquer modo, colide com o de “*entreveramiento*”. “Entrevero” refere-se a “desencontro”, “antagonismo”, “desavença”, “desentendimento”.

Vejamus o sentido de “*entreveramiento*” em textos de ALQ.

³ Citemos quatro atitudes apenas: a generosidade (virtude que gera novas oportunidades linguísticas), a honestidade (intelectual), a responsabilidade (responder adequadamente aos apelos do texto a traduzir), o respeito (em latim, *respicere* é “olhar outra vez”) de revisar mais de uma vez o texto, de reler e corrigir tanto quanto for necessário, gesto de consideração para com autor e leitores. Curiosamente, essas atitudes que asseguram um trabalho valioso de tradução, do ponto de vista técnico inclusive, deixam transparecer a presença criadora do tradutor. O conceito de *traduction effaçante* (cf. Henri Meschonnic), em referência à invisibilidade do tradutor de textos filosóficos, relativiza-se: o tradutor torna-se cocriador, e sua presença é notável, justificando que seu nome esteja em evidência na capa da obra traduzida, ao lado do nome do autor.

Num trecho do livro *La cultura y el sentido de la vida*, ao apresentar os desdobramentos do processo de vertigem (processo destrutivo que leva a pessoa de uma inicial situação de realização ilusória à solidão asfixiante, ao colapso espiritual), ALQ alerta para a diminuição da capacidade criadora:

- (*el vértigo*) amengua paulatinamente la capacidad creadora, por cuanto hace imposible el encuentro, y toda forma de creatividad humana se realiza dualmente, por vía de entreveramiento de ámbitos. (LÓPEZ QUINTÁS, 1993, p. 20)

Percebe-se que o termo “*entreveramiento*” está associado a um acontecimento positivo, vinculado ao crescimento da criatividade humana. Quando se dá esse “*entreveramiento*” de âmbitos (o conceito de âmbito é basilar na proposta filosófica de López Quintás), estamos num outro processo, não o de vertigem. O processo de vertigem reduz paulatinamente a nossa capacidade criadora, ao impossibilitar o encontro (outro conceito fundamental para ALQ). Logo, seria um duplo erro traduzir “*entreveramiento*” por “entreveramento”, que, se por acaso existisse, teria significados próximos a “entrevero”.

Num dado momento do livro *La tolerancia y la manipulación*, ALQ descreve algumas propriedades da criatividade humana (liberdade interior, sensibilidade para a descoberta dos valores, lucidez e discernimento), e conclui:

El que dispone de estas capacidades está bien pertrechado para elegir el auténtico ideal de la vida, orientar su conducta por el cauce de normas éticas fecundas y ejercitar las diferentes virtudes. En efecto, el que sabe captar los distintos valores y jerarquizarlos intuye que en la vida del hombre no hay valor superior al encuentro, que es la forma suprema de unidad. Las normas éticas marcan la línea de conducta que inaugura ese modo relevante de unidad. Y las virtudes son las condiciones necesarias para realizar el entreveramiento de ámbitos personales que denominamos encuentro. (LÓPEZ QUINTÁS, 2001, p. 116)

Sendo o encontro valor supremo na vida humana, o “*entreveramiento*” de âmbitos, em que consiste essencialmente o encontro mesmo, possui elevadíssima importância. As virtudes são condição *sine qua non* para que o encontro se realize. Logo, precisamos escolher uma palavra em português adequada para expressar esta específica união de âmbitos (realidades abertas que permitem intercâmbio de possibilidades), de preferência com a maior semelhança fonética possível com a palavra espanhola, pequeno “capricho” linguístico a ser debitada na conta das idiosincrasias do tradutor.

A palavra que em princípio poderia ser escolhida é “entrelaçamento”. Uma de suas vantagens é manter em cena o prefixo “entre” (proveniente da preposição latina *inter*, aludindo a situações de proximidade, contato e interiorização), que, ao mesmo tempo indicando íntima união, escapa à ideia de fusão, contrária ao que ALQ pensa sobre o conceito de encontro. Para ALQ, é próprio do autêntico encontro manter a distância de perspectiva. O “entre” sinaliza que não se elimina o espaço garantidor da individualidade. Aliás, o encontro só se viabiliza quando não há fusão.

“Entrelaçamento” parece ser, portanto, a melhor opção para traduzir “*entreveramiento*”, na medida em que expressa com rigor essa ação primacial no jogo

criador da vida. De qualquer modo, ALQ, mais recentemente, chegou a equiparar em alguns textos os termos “*entreveramiento*” e “*entrelazamiento*”.

Um segundo termo problemático refere-se à expressão “*experiencias reversibles*”, muitíssimo frequente nos textos de ALQ. Leiamos um trecho do livro *El poder transfigurador del arte*, quando o autor expõe sua concepção de experiência artística:

Toda experiencia artística auténtica nos pone en presencia de realidades que son más que objetos, ostentan poder de iniciativa, nos ofrecen posibilidades y acogen las que nosotros les otorgamos. Al establecer esta relación de presencia activa con estas realidades “ambientales”, vivimos experiencias “reversibles”, bidireccionales, que dan lugar a diversas formas de encuentro, en las cuales superamos la escisión entre lo interior y lo exterior, el dentro y el fuera. (LÓPEZ QUINTÁS, 2005, p. 45)

Não é de todo apropriado o adjetivo “reversíveis” neste caso. No encontro com uma obra de arte, a experiência “reversível” seria a que é passível de reversão, noção que nos vem à mente de imediato. Porém, a reversão assim entendida não faz sentido neste contexto conceitual. O que voltaria ao ponto inicial? O que retrocederia? Outra possibilidade seria imaginar que a experiência é reversível no sentido de mutável, variável, alterável.

Segundo a definição de ALQ, a “*experiencia reversible*” é uma realidade constitutiva da vida humana em seu melhor desenvolvimento. Uma vida plena de sentido é uma trama de experiências dessa natureza. Se o entrelaçamento de âmbitos (que ALQ define como espaços lúdicos, campos de jogo, campos de possibilidades de ação) não é fusão, também não é mera condição de adjacência de duas realidades postas juntas. Quando dois âmbitos oferecem possibilidades um ao outro (o pianista e o piano, o piloto e o avião, dois amigos, o professor e o aluno etc.), há uma interação que ALQ considera ser uma experiência bilateral, bidirecional. Há uma reciprocidade entre esses âmbitos, uma correspondência mútua palpante de conseqüências. A palavra “reversível” deve ser descartada, pois não condiz com o que ALQ pretende dizer.

Como designar então essa experiência relacional? Que adjetivo equivaleria ao termo espanhol “*reversible*”? Uma resposta estaria em lançar mão da ideia de reciprocidade. A expressão “experiências recíprocas” permite a compreensão de que eu tenho uma experiência da mutualidade que se dá entre mim e o outro, no próprio espaço do “entre”, na realização mesma do ato relacional. Uma alternativa seria ainda “experiências correlativas”, procurando recuperar o adjetivo latino *correlativus*, “que se relaciona mutuamente”.

A escolha de ALQ por “*reversible*” pode ter se baseado numa acepção recolhida pelo Dicionário da *Real Academia Española*: “*se dice de un mecanismo en que el movimiento de una de sus partes causa el movimiento de otra, y a su vez, moviendo esta última, es posible producir el movimiento de la primera*”. A “reversibilidade”, aqui, teria um matiz digno de nota: toda vez que se entra no jogo do encontro, esse intercâmbio de iniciativas provoca um crescimento mútuo, uma estimulação criativa entre os participantes do jogo, uma intensificação de suas qualidades em virtude da própria interação.

Uma terceira palavra presente nos textos de ALQ capaz de provocar alguma dúvida no momento da tradução é “*intrusismo*”, termo espanhol que designa o exercício ilegal de atividades profissionais. Para traduzir este termo, com seu

significado oficial, dicionarizado, possuímos a palavra portuguesa “intrusão”, igualmente dicionarizada: “ato ou efeito de introduzir-se, sem direito ou sem título, em local, sociedade, cargo, dignidade, benefício etc.” (cf. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*). Não existe a palavra “intrusismo” em português.

ALQ, no entanto, percebe no conceito de *intrusismo* algo além da prática indevida ou criminosa de uma atividade profissional. Para ele, existe um “intrusismo” específico, e não menos antiético, que é o de expressar opinião de modo irresponsável, sem a devida preparação informacional, cultural e intelectual, sobre determinado tema de interesse comum. Diante dessa especificação, o problema muda de figura. Será melhor, neste caso, traduzir a palavra espanhola por “intrusismo” mesmo, sem hesitação, aceitando um espanholismo entre nós?

Convém refletir um pouco mais a respeito antes de responder. Ao falar em *intrusismo*, ALQ contrapõe-se ao lugar-comum de que toda opinião é digna de respeito. Sem dúvida, todos nós podemos nos expressar, de um ponto de vista fisiológico e psicológico. Tendo condições técnicas, por exemplo, de acesso às redes sociais da internet, posso manifestar o que quiser a respeito de diversos assuntos como política, religião, ética etc. Dispondo eu de recursos e de liberdade de ação para fazê-lo, ninguém tem o direito de me impedir ou censurar.

Contudo, minha atuação não se restringe a esse nível. Quando pensamos que nossa liberdade se aperfeiçoa ao assumir determinados compromissos com os outros, com a sociedade, com a formação de outras pessoas, desperto para a responsabilidade que implica exercer uma função docente, conduzir um programa de televisão, escrever um livro ou ocupar uma vaga no parlamento. A liberdade interior dirige a liberdade de ação e é em nome daquela que posso restringir minha atuação.

López Quintás argumenta:

Conversando com outra pessoa, em particular, posso expressar minha opinião sobre esta ou aquela questão, mas não devo fazer a mesma coisa em público, se não estiver certo de que irei contribuir para esclarecer algo sobre o tema. Aproveitar a possibilidade de dirigir a palavra a um grande público só por ter condições físicas e permissão para fazê-lo não é uma atitude *responsável* e, portanto, *respeitável*, se eu não tiver o conhecimento necessário. (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 40)

Quem não se preparou devidamente para estar à altura de temas científicos, filosóficos, políticos, teológicos, estéticos, pode praticar um tipo sutil de violência, que é abordar questões complexas e delicadas com a postura inconsequente típica de quem não sabe que não sabe...

Mas deveria ter disso consciência. Consciência de invadir um terreno do saber sem o necessário preparo. São igualmente graves as duas hipotéticas situações: um filósofo sem experiência comprovada ocupando uma vaga na seleção brasileira de futebol e um artilheiro da seleção (que outra coisa não fizesse além de praticar o esporte bretão) sendo convidado a dar uma entrevista em cadeia nacional sobre a ética e suas inúmeras implicações. Ambos os casos podem ser caracterizados como intrusismos.

O sufixo “ismo” confere ao termo “intrusismo”, agora adotado no texto traduzido, um sentido adequado, adequadamente pejorativo, apontando essa atitude como um comportamento ou ação imprópria, ao modo de outras palavras como “fanatismo”, “machismo”, “mau-caratismo” ou “estrelismo”.

Se, afinal, quiséssemos evitar “intrusismo” por considerá-lo espanholismo inconveniente, ganharia força um possível neologismo, “invasionismo”, realçando o que há de agressivo em expor publicamente, por vezes em importantes meios de comunicação, opiniões improcedentes, infundadas, pouco ou nada construtivas.

(Brevíssima) conclusão

Traduzir Alfonso López Quintás sem cair num tipo de intrusismo requer não só estudar os problemas próprios da tradução do espanhol (jamais subestimando esse idioma), mas também fundar um autêntico campo de jogo com a obra deste filósofo, dialogando vivamente com as possibilidades conceituais que seus textos nos oferecem.

Referências bibliográficas

LÓPEZ QUINTÁS, Alfonso. *El poder transfigurador del arte*. Buenos Aires: Cántaro, 2005.

LÓPEZ QUINTÁS, Alfonso. *La cultura y el sentido de la vida*. Madrid: Propaganda Popular Católica (PPC), 1993.

LÓPEZ QUINTÁS, Alfonso. *La tolerancia y la manipulación*. Madrid: Rialp, 2001.

LÓPEZ QUINTÁS, Alfonso. *Liderazgo creativo: hacia el logro de la excelencia personal*. Oviedo: Ediciones Nobel, 2004.

MESCHONNIC, Henri. *Poétique du traduire*. Lagrasse: Verdier, 1999.

PERISSÉ, Gabriel. *Pedagogia do encontro*. São Paulo: Factash, 2012.

Recebido para publicação em 13-09-15; aceito em 05-10-15